

Release

Um passeio pela história da arte

Do classicismo ao uso das novas tecnologias, Nayara Botelho analisa a evolução da arte

Adenauer Cunha, 524 DRT-TO

Iniciando por uma das várias “conceituações” de arte, passando por uma linha do tempo de sua evolução ao longo dos séculos, até desembocar no significado e representatividade da arte no mundo contemporâneo, Nayra Lopes Botelho esmiúça em sua resenha “Do conceito clássico da arte à sua desmaterialização” as idéias abordadas pela autora Cristina Costa em seu livro “Arte: resistências e rupturas – Ensaios da Arte Pós-clássica.”

Graduada em artes cênicas pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins (IFTO) e mestranda em comunicação pela Universidade Federal do Tocantins (UFT,) Nayara indaga de início o que é a desmaterialização da arte na visão de Cristina Costa, para, logo em seguida, revelar ao leitor que este é um conceito usado no mesmo sentido que as utopias e ideologias atuais.

O texto transcorre como um ótimo resumo e análise da obra principal abordada pela mestranda, oferecendo ao leitor um excelente preâmbulo do conteúdo que irá encontrar antes de iniciar a leitura do livro de Cristina Costa. A resenha é, sem dúvidas, uma excelente fonte de referência para o pesquisador ou estudante que se proponha a estudar o tema.

História

Acompanhando a narrativa cronológica da obra, após uma breve introdução, Botelho passa a traçar um percurso histórico da arte. Iniciando por sua institucionalização durante o classicismo grego, período no qual a arte era baseada no conteúdo e não no sentimento. Onde o artista gozava de pouca liberdade criativa e sua arte beirava a mera imitação da realidade. Uma supervalorização da técnica.

A autora deixa também no texto suas impressões e conclusões, além das expressas no livro. “O que nos faz questionar e perceber que, atualmente, a arte clássica ainda perpetua em nossa sociedade, pois há uma gama de influências nesse mesmo aspecto. Vejamos só a famosa cultura de massa, não interessa muito a arte em si, mas sim, o que ela quer mostrar, o que ela quer implantar em nossa mente e vontade”, opina Botelho.

Passando pela Idade Média – onde a técnica artística era utilizada como ferramenta para expressar os sentimentos de Deus – e pelo Renascimento – que marcou a história da arte contra o pensamento e cultura medievais – a autora chega ao Iluminismo. Segundo ela, neste período, o artista passa a ter mais representatividade e a assumir o controle de sua criação.

Revoluções

Botelho não deixa de analisar também a Idade Moderna e como o surgimento da Indústria Cultural multiplicou os espaços de produção artística, renovando a arte através do aparecimento de novas formas de expressão e os movimentos de vanguarda.

Para ela, a mesma Indústria Cultural que gerou novas tecnologias como cinema e fotografia, renovando o gosto estético e a busca por originalidade,

também tem desmaterializado a arte e o artista, tornando um processo capitalista.

A autora chega então em tempos contemporâneos mais familiares a todos nós e cita a intertextualidade que permeia as artes, “mesclando e fazendo o intercâmbio de diferentes linguagens em outras.” É a produção de obras através da arte tecnológica, como ela diz.

Botelho conclui constatando que a arte é um ciclo que se caracteriza de modo diferente em cada período, renovando o ideal de estética e que, mesmo em meio às diferentes opiniões acerca do que a arte se tornou, ela continua sendo uma importante aliada da humanidade na construção de sua história.

Como citar a resenha

BOTELHO, Nayara Lopes. DO CONCEITO CLÁSSICO DA ARTE A SUA DESMATERIALIZAÇÃO. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 859-868, jan. 2018. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3959>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p859>.